

Salgado Maranhão. *Avessos Avulsos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. 80 p.

A obra *Avessos Avulsos*, de Salgado Maranhão, convida o leitor a entrar pelos labirintos de uma poesia madura, paradoxalmente abrasiva e fecunda. Poeta premiado, compositor de letras de músicas, autor de inúmeras obras, Maranhão, desde 1978, vem publicando seus poemas, tendo recebido o prêmio Jabuti, em 1999, com *Mural de Ventos*; o Prêmio Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2011, com o livro *A Cor da Palavra* e, com *O Mapa da Tribo*, o Prêmio Pen Clube de poesia, em 2014. O poeta maranhense, radicado no Rio de Janeiro há mais de quatro décadas, tem suas obras traduzidas em várias línguas e, com um estilo singular, cria uma poesia visceral, resultante do movimento dialético entre a tradição e a ruptura.

Maranhão divide *Avessos Avulsos* em duas partes. A primeira é composta por um único poema, o soneto “Um outro um”, que funciona como chave para compreender o *leitmotiv* da obra: a dualidade, síntese de toda a problemática da obra já subsumida no título. Passando por esse primeiro portal, o leitor percorre as 53 cenas verbais da segunda parte, intitulada “*Os cenários da voz*”, na qual os poemas acolhem “este alfabeto de espantos” (p.27), que em grande parte são tecidos pelo processo metalinguístico, imprimindo dinamicidade à palavra que se torna ferramenta e matéria para os mergulhos nos intrincados labirintos que constituem o corpo da obra.

A dualidade traduzida em avessos domina as cenas, potencializando seu significado nas metáforas inusitadas que permitem inferir uma pluralidade de sentidos tais como: o avesso, significando o lado de dentro, exposto como um corpo com suas vísceras sangrando e revelando sua fragilidade devassada pelas agruras da vida “No

intervalo entre as facas” (p. 61). O avesso, símbolo da inconformidade com a injustiça, bradando “Quem adoça/ o deserto dos justos?/ Quem preserva/ a trama dos cínicos?” (p. 27). Ainda, o avesso que se torna espelho de si mesmo e do outro, perdendo-se em incontáveis alteridades: “Onde achar-me/ no múltiplo que é só um?” (p 44). Avesso, porque *gauche*, segue entre pedras, levado pela lírica drummondiana, desconexo: “Por vezes, me pergunto estarecido:/ foi ilusão de espelhos esse ter sido?” (p.11). Avesso, resultante de uma presença ceifada do centro e colocada à margem, porque, herdeiro de João Cabral de Melo Neto, sabe que “[...] a vida é lâmina.”(p. 56).

Consciente de que a natureza da poesia é subverter, o que o poeta faz com maestria no ritmo, na sonoridade, na utilização do espaço em branco da página como elemento de composição, na sensibilidade artística no tratamento dado à linguagem, converte-se em avesso como simulacro de fragmentos de vida, desenho de cenas matizadas pela dor em que guarda “[...] inconfessáveis fomes de minhas/ áfricas fraticidas.[...]”. (p.52). Avesso, oriundo de experiências vividas pelo amor, pela infinda bondade e inconcebível crueldade humanas, dividido entre polos, mostrando-se, por vezes, um otimista ao declarar que “ainda há tempo/ de crescer com as uvas; ainda há luz/ nesta orla de azuis.” (p.64); e, em outros momentos, revelando desencanto, ao indagar “[...] Que posso eu/ cantar no galho da memória?/ Plantaram-me/ na pedraria sem limo,/ longe da brisa e das sobras/ da enchente./ Ando em toda a parte e só vejo a morte [...]” (p. 55).

Da mesma maneira, avesso de homem, de matéria, de carne, manifestando na recorrência de palavras como ventre/artérias/cicatrices/ossos/sangue, é o desenho de sua anatomia conflitante: um *homo barrocus* pós-moderno na sua melhor versão que, sendo também alma, procura sublimar sua angústia, cantando o pesadelo dos grilhões da escravidão, pois sente que “Foi como esquecer a alma na savana/ e encontrar-se na face de outro reino;/ na etnia que aleitou teu gene e tua/ dinastia.” (p.35). Avesso, porque artífice da palavra, prehe de poesia, conhece seu ofício e sabe que as palavras “[...] doem para nascer;/ e gritam para florir. São/ brenhas (em mim) que acordam/ para sonhar.” (p.61).

Não obstante os avessos serem tantos e tão controversos, eles são avulsos. A princípio o adjetivo “avulsos”, posposto ao substantivo “avessos”, poderia denotar a ideia de cenas desconectadas, isoladas ou mesmo não relacionadas, mas, na verdade, a leitura dos poemas revela uma trama urdida desde o primeiro até o último poema: “[...] sim: ter a fleuma de errar a porta /e urdir a arte (transversal) de saltar/ muros” (p.59). Ademais, esses avulsos compõem um todo organizado de sentido, adjuntos por conexões polissêmicas e metáforas imprevistas que tornam a obra uma vasta sala de espelhos, num sutil jogo de perspectivas, distanciando e aproximando o olhar sobre tópicos fundamentais da existência humana: amor, liberdade, sexo, vida, morte, luta, dor, temporalidade, visto que “meu reino é essa convulsão de vozes/em que atravesso espelhos e derivas.” (p.58).

Por conseguinte, as imagens antitéticas concebidas cooperam para ratificar o profundo sentimento de dualidade que transparece na obra, potencializando o acentuado tom camoniano que nutre versos como “O amor é um tigre saciado entre rivais/ ou uma súplica de lava entre os glaciais?” (p. 33). Além disso, constantemente, as cenas tornam-se palcos agônicos de conflitos inerentes à condição humana como expressos em, “Por que/ nos amamentam/ de pólvora/ e o lírio secou/ em nossa boca;/ nas razões do medo/ em pele de leopardo. [...]” (p.19).

O recorte analítico adotado sugere que um dos pontos fulcrais da arqueologia da poética de Maranhão está nos sentimentos conflitantes. Isso pode ser percebido na atmosfera da obra que pulsa, repleta de fogo/tempestade/vento/raio e revela a intensidade da problemática que se instaura no indivíduo em interação com o mundo. Desolado e acometido por um desejo de ruptura, o poeta aspira: “Pudesse eu sair da pele/ e montar a tarde inexistente [...]. Pudesse eu sair da página e agarrar a cidade em chamas [...]. Mas estou confundido com o que/ migra e míngua, com o que é passível/ de lume e sagração.” (p. 50).

Uma leitura mais cuidadosa permite, ainda, inferir que errática e fragmentada, essa *persona* lírica, caminha por situações limítrofes que, em muitos poemas, se manifestam em um erotismo selvagem, atávico, como nos versos “Ajuda-me a brotar

em teu colo;/a inundar tua rocha.” (p.63); ou, ainda, impetuoso, como na “Cena verbal 26”, na qual o sujeito lírico declara: “Gosto quando em mim te alças (futurista/ e ancestral)/ com tua aerodinâmica ostensiva,/ num cio de guepardo na caça.”(p. 40). E também, por vezes, Eros entorpece a cena e reduz a racionalidade ao instinto: “busco a mim que me deserdo/em teus istmos, encerrado à escritura/ de Eros. Ó selo de minha semente em brasa!/ Ó céu desgarrado!” (p.40). Mais adiante, em outro momento, na “Cena verbal 18”, o sujeito-lírico confessa: “O poema quer fecundar-te” (p. 32).

Percorrendo o caminho na tentativa de entender esse sentimento contraditório que o constitui, o poeta cria um lugar-mundo para habitar com sua poesia, operacionalizando uma rede de imagens na qual a natureza se torna força anímica que às vezes arde, porque “Um sol me trouxe até aqui pra/ suportar adeuses, ó lava que/ se desgarra deste (bárbaro)/ coração-vesúvio!” (p. 53). Em outros momentos, é vigorosa, contundente, indomável, pois “Não há como estancar um deus que é fogo e ventania.” (p.47). Nesses cenários, a natureza amalgamada aos sentimentos do sujeito lírico reitera o ambiente de adversidade que encerra a aridez da vida, pois “herdamos os frutos sem néctar.” (p. 56).

Das 53 cenas verbais, em torno de 35 são metalinguísticas. Ora pela via em construções metonímicas como boca/voz/língua/alfabeto/gramática/sintaxe; ora em representações metafóricas, relatando: “Vim cardando/ estes relâmpagos de acender/ palavras ante a nudez das estações.” (p. 57). Essa acentuada constância do poeta em refletir sobre a poesia é um elemento importante que autoriza a declarar Salgado Maranhão como um poeta da palavra fundante (*in principio erat verbum*). Desse modo, a tensão que se estabelece entre poeta, palavra e poesia gera a tríade poeta-palavra-poesia transfigurada em um corpo fundido no ofício de poetar e arquiteto de mundos possíveis. O traço metalinguístico e a singularidade da linguagem propiciam a criação de imagens sugestivas como: “E sigo/ os corredores da cidade de palavras/ como se em mim fosse o nome/ das coisas: o azeite e a costura [...]” (p. 34). Em um *continuum*, a poesia busca a palavra e a palavra busca a poesia, procurando reinventar-se e cunhar sua própria identidade: “Poesia é fazer cantar a pedra.” (p. 25).

Homem de seu tempo, revela, ainda, na dualidade dos signos, tanto as contradições do indivíduo pós-moderno submetido ao sentimento de presentificação, no qual o passado e o futuro diluem-se no aqui e no agora, visto que “O tempo ausente está morto. Só/ nos resta o agora em fatias.” (p. 62). E também coloca em cheque a pretensa onipotência humana, confidenciando: “Quando os chacais trouxerem o deserto/ à tua porta,/ não clama aos deuses insólitos:/ estarão surdos ao trovão/do teu sangue. Já não é um tempo/ de idílios e a noite é essa náusea/ que açoita vidraças. / Buscamos um/ colo sob o bosque e a cintilância/ e herdamos os frutos sem néctar;/ a paisagem onde a vida é lâmina. / Eis o troféu que nos demarca/ o edo/ sem fronteiras. Eis a corrosão da alma/ sob as unhas.” (p. 56).

A lucidez da poesia de Maranhão merece uma análise mais profunda, visto que transcende e cunha uma lírica com traços epicizantes provocados pela multiplicidade de vozes postas e sobrepostas: “Ninguém busca os barcos/ desolados; cada nós/ segue um rio da mesma foz,/ onde tudo que se nos (h) aja,/ avive a raiz da voz.” (p.67). É no rastro da alteridade que sua proposta estética testemunha as urgências dissonantes de uma coletividade latente: “Caminho com o outro que é meu vulto/ a me seguir ao sol. O que não tem/ nome ou norma e sequer se faz oculto. [...] Não posso deletar esse atributo/ que já está na conta do armazém/ do ser. [...] Se me desperto acordo em alvoroço/ aquela voz que grita nos meus ossos/ uma pavana feita de alarido/ (num apelo febril mais do que posso)” (p.11). Dual e paradoxal, sua “espera” é “insurgente”, tatuada de sentimentos antagônicos que povoam o imaginário coletivo da humanidade, este insinuado nas alamedas da poesia salgadiana. Afinal: “Meus ascendentes são de água/ e sal, de ternura e trigo, com/ sua língua expandida aos espinhos./ Por isso,/ me agarra essa túnica/ rasgada de outonos./ Para aquecer os filhos do inverno,/ onde os brotos choram/ sobre as raízes.” (p.24).

**Suzana Pagot**

Universidade de Caxias do Sul